

GETÚLIO VARGAS NO CÉU: TRAMAS POLÍTICAS NOS *FOLHETOS-EPITÁFIOS*

MARINALVA VILAR DE LIMA*

Os folhetos, que têm como preocupação descrever o desfecho final da existência de personagens da cena política nacional, partem, em sua maioria, da premissa de que a elas se estabelece a certeza da elevação ao céu. A consulta ao Dicionário biobibliográfico de poetas populares (ALVES SOBRINHO & ALMEIDA, 1990) e a pesquisa nos acervos de folhetos¹ nos apresentou uma lista em que sobressaíam os nomes de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves, João Pessoa, Castelo Branco e Costa e Silva, de cujas mortes mais de um folheto verseja. Podemos perceber que os poetas, a partir da idéia de narrarem a forma e as circunstâncias em que se deu a morte do personagem político, de maneira geral, recordam a carreira e os feitos de maior relevância a eles associados.

Getúlio Vargas, que domina a cena política nacional dos anos 30 até, no mínimo, seu suicídio em 1954 (SKIDMORE, 1982), mantém, em meio aos folhetos analisados, um lugar de destaque. Nesse sentido, os poetas vão atribuir a Getúlio uma relação de grande proximidade com Jesus. No entanto, esta distinção não tem uma conotação deificadora, conforme ocorre nas narrativas sobre as mortes dos homens religiosos. No caso de Getúlio Vargas a salvação e a assinalação no plano celestial são apresentadas enquanto diretamente reconhecidas pelos poderes lá instituídos, gozando de destacado espaço junto ao filho de Deus, ainda que tenha se suicidado!

Em se tratando de uma personalidade de reconhecida envergadura, no âmbito da política nacional, como o foi Vargas, observa-se que sua morte vai movimentar a produção e o consumo dos folhetos à época. Apolônio Alves dos Santos (*Os últimos*

* Professora da UAHG/UFCG. Doutora e Pós-doutora em História Social pela USP.

¹ Acervos em que pesquisamos: PPLP (Programa Permanente de Literatura Popular da UFPB-CAMPUS I - João Pessoa-Pb.), LAELL (Laboratório de Estudos Lingüísticos e Literários da UFPB-CAMPUS II-Campina Grande-Pb), BEHETÇORO (Núcleo de Cultura Popular da Universidade Regional do Cariri-URCA- Crato-Ce), FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa - Rio de Janeiro-RJ) e acervo próprio. Da pesquisa nos acervos e no Dicionário, (organizado por ALVES SOBRINHO & ALMEIDA, 1990), resulta a indicações de folhetos apresentadas nas referências bibliográficas e que balizaram as análises desenvolvidas no artigo.

dias de Getúlio, s/d), comenta sobre a forma como a notícia do suicídio de Vargas vai ser recebida, comenta:

1
Muita gente getulista
Chora ainda com desgosto
Relembrando o dia trágico
De 24 de agosto
Quando Getúlio morreu
Que a notícia correu
As lágrimas banharam o rosto

3
Seu filho Lutero Vargas
Logo imediatamente
Agarrou o telefone
E comunicou urgente
O rádio em todos lugares
Anunciou pelos lares
A morte do presidente

5
Todo Brasil recebeu
A notícia inesperada
Todo povo brasileiro
Ficou de alma gelada
E dizia com tristeza
Morreu o pai da pobreza
Deixou a pátria enlutada (SANTOS, *Os últimos dias de Getúlio*, s/d, p.01, estrofes 01 e 02; p.05, estrofes 03 e 04; p.06, estrofe 02, respectivamente).

2
No ano cinquenta e quatro
Nesta data comovente
De vinte e quatro de agosto
O sol nasceu diferente
O Brasil todo pasmou
Quando o rádio anunciou
Morreu nosso presidente

4
Às 8 e 20 minutos
Mesmo no seu aposento
Getúlio suicidou-se
Deixando triste lamento
Toda cidade parou
O comércio se fechou
Em sinal de sentimento

Sobre a forma como vai se dá o acontecimento, Apolônio Alves observa:

Na manhã toda família
Dormia tranqüilamente
Quando ouviram um estampido
No quarto do presidente
O encontraram no leito
Com uma mão sobre o peito
E o sangue jorrando quente (SANTOS, *Os últimos dias de Getúlio*, s/d, p.05, estrofe 02)

O poeta opta por descrever o acontecimento, em si, e sua repercussão no cenário nacional, apresentando o contexto político em que, Getúlio, suicidou-se. Ao final do folheto apresenta a narrativa na 1^a. pessoa do singular, a fim de descrever o que teria escrito Getúlio em sua carta-testamento, apresentando o líder populista a se dirigir, diretamente, às pessoas. As cinco últimas estrofes do folheto procuram tratar dos feitos do presidente e do antagonismo, que teria sido imposto pelos adversários, para impossibilitarem que ele instaurasse as medidas de interesse nacional, com destaque

para os direitos trabalhistas, a que teria favorecido – em especial o salário mínimo. O poeta considera que “*Getúlio só trabalhava/ a bem da nossa nação/ dentro da democracia*” (SANTOS, *Os últimos dias de Getúlio*, s/d, p.01, estrofe 03, Versos 01-03), sendo seus adversários ferrenhos opressores e entreguistas da nação ao capital internacional.

Rodolfo Coelho Cavalcante (*Nascimento, vida, paixão e morte de Getúlio Vargas*, s/d), diferentemente de Apolônio Alves, não se restringe a falar do suicídio e sua repercussão, trata da vida de Getúlio como um todo, narrando desde seu nascimento; os anos de instrução escolar; os primeiros espaços de trabalho a que teve acesso; a ascensão política gradativa; até sua chegada à Presidência da República. Feito isto, o poeta, contextualiza a conjuntura política em que, Getúlio, optou por ultimar sua vida tragicamente. Percebe em Getúlio a defesa dos humildes, representados, no folheto, pela constante referência à usual expressão da época: “trabalhadores”. Em sua defesa das intenções benéficas do presidente para com os oprimidos, Rodolfo Coelho, constrói algumas estrofes que, em muito, se assemelham à forma como Vargas passou a ser visto, ou a se fazer visto, nos últimos anos do Estado Novo, conforme sintetizado nas palavras de Skidmore:

Os dois últimos anos do Estado Nôvo, em suma, faziam prever uma nova fase (a terceira), da carreira política de Vargas (...). Agora, depois de 1943, Vargas estava, com efeito, deitando os alicerces para sua última aparição como líder ‘democrático’, que podia confiar no apoio de um nôvo movimento popular, e também de grupos mais estratificados, como os proprietários rurais, os industriais de S. Paulo e a burocracia (SKIDMORE, 1982, p.63-64).

E, em se tratando, especificamente, da construção da imagem popularizada de Vargas, Skidmore agrega:

Essa tentativa de edificar uma nova base política fazia parte de um esforço, em três pontas-de-lança, da parte de Vargas, de preencher a esquerda do espectro político. Primeiramente, veio a vasta legislação de previdência social (como por exemplo, a assistência médica, as aposentadorias e pensões aos trabalhadores) da classe proletária destinada a ganhar a lealdade ao govêrno paternalista que havia implantado êstes programas. A doutrina para justificar êste sistema era o trabalhismo, que Marcondes Filho enunciou nos famosos programas radiofônicos, *A Hora do Brasil*, a partir de 1942 (SKIDMORE, 1982, p.62).

Observemos o trecho destacado, comparativamente, com a forma como Rodolfo Coelho Cavalcante retrata Getúlio:

1	2
Durante todo período	Em trinta e sete, GETULIO
De governo, o presidente	Declarou o Estado Novo
Amparou os oprimidos	Embora que muita gente
Socorreu a sua gente	Apertou-se como um ovo
Foi deposto porém nunca	Getúlio nunca esqueceu
Do povo viveu ausente	Nem oprimiu o seu povo
3	
Seu pensamento vibrava	
Com mais ardente calor	
Para os pobres sem recurso	
Para o homem sofredor	
Principalmente quem fosse	
Honesto trabalhador! (<i>Nascimento, vida, paixão e morte de Getúlio Vargas, s/d, p.05, estrofes 01 e 02; p.06, estrofe 01, respectivamente</i>).	

Portanto, pode-se observar o quão vitoriosa fôra a campanha para popularizar uma imagem do presidente que se associava às causas dos trabalhadores. O folheto ecoa, de forma ensurdecadora, a idéia de um Getúlio que governa paternalisticamente.

De acordo com Ângela de Castro Gomes, que analisa a política brasileira no século XX, demonstrando um quadro em que as ambigüidades foram historicamente construídas, Getúlio teria conseguido: “(...) *pelos acasos da sorte (...), combinar as mais lídimas tradições da sociedade brasileira – fundada no poder personalizado do patriarca rural – com os mais vigorosos imperativos da época*” (GOMES, 1998, p.522). Outrossim, Castro Gomes, legitima a percepção de Rodolfo Coelho Cavalcante, quando, sobre o empreendimento de popularidade de Vargas, considera:

É trivial, em vista do que já se escreveu sobre a construção do mito Vargas e em vista do que ele, até hoje, significa na memória nacional, ressaltar o sucesso do empreendimento desenvolvido especialmente no Estado Novo. (...) É igualmente trivial destacar que tal sucesso não dependeu apenas da sofisticada campanha ideológica promovida, que recorreu a imagens e idéias com largo trânsito entre a população, servindo-se dos mais modernos meios de comunicação de massa. Seu impacto e duração devem-se à articulação estabelecida com um amplo e diversificado conjunto de políticas públicas, com destaque para as sociais, entre as quais aquelas desenvolvidas pelos novos ministérios da Educação e Saúde e do Trabalho, Indústria e Comércio. Grandes hospitais, escolas secundárias e profissionais, pensões e aposentadorias, carteira de trabalho e estabilidade no

emprego, e uma consolidação das leis do trabalho (CLT) atestavam o vínculo entre a pessoa do Presidente e ‘as experiências imediatas das massas’. (GOMES, 1998, p.525).

Depois de anunciar a deposição de Getúlio, Rodolfo Coelho, demonstra o quanto o líder político foi traído por aqueles que não desejavam o bem do trabalhador e da nação. É, também, um Getúlio defensor da pátria que sobressai das palavras do poeta no folheto, a ele dedicado, por ocasião da morte. Donde depreende-se que, o poeta, tem o objetivo de mostrá-lo enquanto um “exemplo de civismo” e de comedimento de atitudes, conforme explicitado em suas palavras:

1
Setenta e um de idade
Getúlio Vargas morreu
Ao depois de tantas lutas
Um dia, me lembro eu
24 de agosto
Deste ano, faleceu!

3
Getúlio Vargas não era
Udenista, Petebista,
Pessedista e outras coisas
Que no fim termina “ista”
Getúlio foi presidente
Verdadeiro trabalhista

5
Sofreu ele como sofre
Todo Gênio neste mundo
Foi vendido, injuriado,
Sofrendo golpe profundo
Mas nas azas da vitória
Era o seu gênio oriundo

7
Nunca Getúlio mandou
Assassinar o seu povo
Era o homem comedido
Isso desde muito novo
Teu nome GETULIO VARGAS,

Para sempre exalto e louvo! (*Nascimento, vida, paixão e morte de Getúlio Vargas*, s/d, p.06, estrofes 03 e 04; p.07, estrofes 01-04; p.08, estrofe 04, respectivamente).

Portanto, a imagem que Rodolfo Coelho constrói de Getúlio é a de um político isento das amarras dos partidos, de ideais que sobrepujam a pequenez do político-partidarismo. Opção que o teria levado a adquirir muitos inimigos o aproximando, neste pormenor, de Jesus.

2
Getúlio Vargas pra mim
Não morreu caros leitores
Ele vive com seu povo
Os nossos trabalhadores
Serão de Getúlio Vargas
Os seus nobres defensores

4
Trabalhista não é aquele
Que faz parte de partido
Mas aquele que trabalha
Tem seu nome garantido
Getúlio Vargas viveu
Uma vida bem vivido

6
Teve inimigos também
Jesus teve em quantidade
Mas morreu pelo um ideal
Para toda eternidade
Deu exemplo de civismo
Para toda mocidade

A idéia de um Getúlio de ideais nobres, protetor dos pobres e do trabalhador, em Antônio Teodoro dos Santos (*Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987), vem associada à defesa do Estado Novo. O poeta caracteriza o período de maior centralização política da Era Vargas, como de avanços positivos para os mais pobres. Portanto, antecedendo a narrativa da tragédia que vitimou Getúlio, o poeta o perfila:

1	2
(...)	
Temos o Doutor Getúlio, Corajoso, destemido; Pelos seus ideais nobres	Segundo está na história Das campanhas brasileiras Foi Getúlio que empunhou
Foi chamado “pai dos pobres” Pelo seu povo querido	As dezenas de bandeiras Que lutam pelas conquistas Dentro das leis trabalhistas Quando criou as primeiras...
3	4
Criou as primeiras leis Humanas e generosas, Deu a primeira pensão Às famílias numerosas Que tinham mais de oito filhos Pisando os negros trilhos Nas glebas mais populosas	E deu também o primeiro Auxílio à maternidade Quando as mães padeciam A maior brutalidade Vendo os seus filhos nascerem E sem recurso morrerem Por falta de humanidade
5	
Isso Getúlio fez quando Trabalhava sem congresso Por uma revolução Que ao seu poder deu ingresso; Criou o Estado Novo, Com ele abriu para o povo O caminho do progresso (SANTOS, <i>Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas</i> , 1987, p.01, estrofes 02 e 03; p.02, estrofes 01-03, respectivamente).	

Antônio Teodoro percebe o Estado Novo como um período de criação de possibilidades para os trabalhadores; ver, nas medidas assistencialistas, implementadas por Vargas, uma abertura para um progresso que traria melhores condições aos mais pobres. Portanto, para o poeta, Vargas, sozinho, estaria promovendo uma revolução e, seus opositores - opressores dos mais pobres, por extensão - o perseguiram. A confiança que o poeta deposita nas intenções do presidente, em beneficiar os trabalhadores e oprimidos, de maneira geral, serve-lhe como justificadora para o fato de Getúlio procurar agir sem a interferência do Congresso, centralizando as decisões. Neste sentido, o Congresso é que passa a ser visto com desconfiança.

Depois de enaltecer a personalidade de Getúlio, Antônio Teodoro, passa a narrar como se deram o nascimento, a infância, os estudos e a sua entrada na política. Faz uma descrição detalhada da carreira de Getúlio, demonstrando conhecimento do jogo político. O tempo todo, os sucessos, atingidos pelo presidente, aparecem como tendo sido protegidos por Deus, construindo um cenário de luta ferrenha para a consecução dos ideais democratizantes e de defesa da nação. O poeta, a partir da página 28, apresenta o contexto em que o líder político suicidou-se, culpando os opositoristas que “por todo lado apertava”, desde que ele assumiu o cargo, após o pleito vitorioso nas eleições de 1951. Em face dos acontecimentos, envolvendo um major da aeronáutica, Carlos Lacerda e o homem de confiança de Getúlio, Gregório, a crise se estabelece e, ao pedido de renúncia a ele imposto, opta pela saída drástica. A notícia do suicídio ecoa como uma bomba, provocando tristeza e dor generalizadas, principalmente em meio às camadas populares. Acompanhemos a forma como, Antônio Teodoro, apresenta os fatos e as reações do segmento mais pobre da sociedade:

1

Naquela manhã sombria
De vinte e quatro de agosto
Em cinquenta e quatro, não
Houve entre os pobres um rosto
Que não derramasse pranto
Enxugando com o manto
Do seu imenso desgosto

3

Assim lamentavam todos
Que se lembravam de Vargas
Com suas leis trabalhistas
Tirando as pesadas cargas
Dos ombros dos operários,
Adoçando com salários
As suas dores amargas

5

Mães de famílias chorando
Pelas dores sufocadas
Sofreram até passamentos
E caíram desmaiadas
Pelas praças e avenidas
Muitas foram socorridas
Com os filhos abraçadas (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.28, estrofes 07-10; p.29, estrofe 01, respectivamente).

2

Os pobres saíram às ruas
Chorando a infelicidade
Com a perda do seu chefe
Naquela fatalidade,
Gritando em sua tristeza
“morreu o pai da pobreza,
ficamos na orfandade”!

4

Houve no país inteiro
Entre as pessoas sofridas
Um verdadeiro clamor
Lamentado as suas vidas
Pois nas adversidades
As grandes necessidades
Por Vargas foram atendidas

Portanto, se a popularidade dos atos de Getúlio já se fazia visível no cotidiano da população trabalhadora, quando vivo, com sua morte, esta lhe servirá enquanto

referência imortalizadora e mobilizadora das massas. É toda uma pobreza que fica órfã, conforme corroborado através das análises de Ângela Castro Gomes:

(...) quando Getúlio se suicidou, em 1954, sua popularidade explode em raiva e desespero popular, invertendo mais uma vez os rumos políticos traçados e considerados certos por seus opositores. Na ocasião, o povo volta a sair às ruas, chora e ataca os ‘inimigos’ do presidente, enterrando-o em seus braços mas mantendo-o vivo na memória, como, aliás, ele havia desejado (GOMES, 1998, p.531-532). (...) sua presença, em especial após a morte trágica, podia impor-se como um mito: como um referencial imortal para a memória nacional (GOMES, 1998, p.538).

A notícia do suicídio do presidente, de acordo com Antônio Teodoro, teria causado um grande aumento na venda de folhetos, pois a população queria saber, em detalhes, como se dera o dramático acontecimento:

Mais de trezentos poetas
Pelo país escreveram
Folhetos sobre a tragédia
Que os brasileiros sofreram;
Esses livros aos milhares
Muitos milhões de exemplares
Milhões de pessoas leram (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.29, estrofe 02)

Portanto, a população acorria às feiras para adquirir ou ouvir a leitura das obras. Antônio Teodoro coloca, também, que a emoção havia tomado conta do povo, chegando a ponto de uma mulher ajoelhar-se e beijar a capa de um folheto, de autoria do poeta. Neste ponto, ele descreve um ambiente em que o folheto é um veículo de informação estabelecido, com que a população tem uma grande relação de confiança. Caracterizando um cenário de acentuada procura dos “livros”:

Nas feiras e praças públicas
Lugares que houvesse gente
Os livros eram vendidos
E lidos rapidamente
Contando num só sentido
Como havia acontecido
A morte do presidente (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.29, estrofe 03).

A reação que o poeta atribui às pessoas, quando da leitura da informação veiculada nos “livros”, objetiva demonstrar o grau de confiança com que elas se relacionavam com o produto, o qual procurava informar, ao que parece, dentro de

critérios preestabelecidos, explicitado através do verso: “*contando num só sentido*”. Neste sentido, podemos inferir que a união entre tema e forma de veiculação da notícia produzia a enorme afluência de leitores, conforme informa Antônio Teodoro: “(...) *esses livros aos milhares/ muitos milhões de exemplares/ milhões de pessoas leram*” (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.29, estrofe 02, versos 05-07). É, o próprio Antônio Teodoro, através da narrativa de um caso que teria se passado quando ele vendia os folhetos, que constrói a imagem popularizada do Presidente:

1
 Por entre muitas pessoas
 Uma senhora passou;
 Vendo o livro de Getúlio,
 Pediu um e segurou,
 Olhou na capa o retrato
 Como se fizesse um trato
 Logo ajoelhou-se e o beijou.

2
 Com isso o povo ficou
 Em um silêncio profundo -
 Só se ouvia nos relógios
 A pancada dos segundos –
 Porém a mulher rompeu
 E disse: - agora sou eu
 Que vou falar para o mundo.

3
 Este é o grande presidente
 Getúlio, o bendito nome
 Que com suas leis salvou
 Muitos que não há quem some,
 Vivendo em pleno abandono
 Quando lhe deu um abono
 Pra matar sua fome.

4
 Com os meus catorze filhos
 Graças a Deus recebi
 Catorze mil réis por mês,
 Dinheiro que antes não vi,
 Um mil réis de cada filho:
 Não tive mais empecilho,
 Fome nunca mais senti.

5
 Graças a Getúlio Vargas,
 Meus filhos são estudados
 Trabalhando em bons empregos
 Já quase todos casados.
 Por isso, bom presidente,
 Pelo bem que fez a gente,
 Deus perdoe os seus pecados (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.29, estrofes 06-09; p.30, estrofe 02).

O reconhecimento dos feitos de Getúlio pelos pobres, o choro generalizado e, as muitas preces realizadas na intenção de sua alma, são colocados, pelo poeta, enquanto abalizadores da salvação do presidente.

Chorado em todo o Brasil,
 Getúlio teve a vitória
 De muitos milhões de preces
 Que o levaram para a Glória (SANTOS, *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, 1987, p.30, estrofe 03, versos 01-04)

Essa importância que, Antônio Teodoro, atribui à prece dos vivos pelos mortos, se associa ao universo de mentalidade religiosa de base católica, em que se acredita que a execução da oração, na intenção do morto, serve enquanto auxiliar no processo de salvação e diminuição das penas na outra vida. E, em se tratando de uma morte por suicídio, a situação do morto é ainda mais delicada, visto que, não apenas os católicos condenam a prática, mas, também, os cristãos, de maneira geral, a rejeitam.

Em tendo feito tudo que lhe estava ao alcance, em vida, para a promoção do bem-estar dos sofredores, o Getúlio, que nos apresenta Raimundo de Santa Helena (*A carta-testamento de Getúlio Vargas*, 1983), deu seu “próprio sangue” as “aves de rapina”, representadas pelos injustiçadores, opressores dos trabalhadores e aliados do capital internacional.

O folheto de Raimundo de Santa Helena é escrito na primeira pessoa do singular, seguindo a mesma tática empregada por Apolônio Alves (*Os últimos dias de Getúlio*), a partir de que causam, nos leitores, a sensação de terem o próprio Getúlio a eles se dirigindo. Tática que objetiva dar mais peso às idéias que o poeta defende. Santa Helena procura, também, através de uma suposta carta-testamento de Getúlio à nação – utilizando-se do fato de uma carta-testamento do presidente ser do conhecimento da população –, satisfazer os interesses de um público leitor que, por suposto, tinha em Getúlio, grande confiança. As idéias que o poeta veicula demonstra uma compreensão do líder político como presença palpável no cotidiano dos leitores alvos. A carta de Santa Helena, atribuída a Getúlio, viria a tornar pública a situação em que se encontrava o presidente, justificando o suicídio como única saída à pressão que sofria por não querer se afastar da defesa de seu povo e de sua nação.

Meu povão desamparado
Nada mais eu posso dar
A não ser meu próprio sangue
Para o vilão sugar
São as aves de rapina
Essa cambada cretina
Que vocês devem “surrar”...

Vampiros insaciáveis
De sangue velho e novo
Ou são cobras venenosas
Chupando gema de ovo
À minha gente querida
Ofereço minha vida

Que ressuscita no povo... (HELENA, *A carta-testamento de Getúlio Vargas*, 1983, p.04, estrofe 04; p.05, estrofe 01, respectivamente).

Santa Helena amplia a defesa que Getúlio teria feito do povo, em nível tal, que, este fato, o teria levado às últimas conseqüências. E, mesmo com a morte, Getúlio, não se afastaria da defesa de seu povo, visto que a proximidade de sua “alma” seria sentida diante dos sofrimentos, bem como seu nome serviria de “bandeira” para a posteridade, conforme coloca o poeta:

Foi o meio escolhido
Pra convosco conviver
Minha alma o meu povo
Sentirá quando sofrer
Rudemente humilhado
Eu estarei a seu lado
Mesmo depois de morrer...

Se vos vilipendiarem
Tereis logo reação
Sentireis no pensamento
O meu próprio coração
Meu nome será bandeira
Nesta luta brasileira
Contra forças do dragão... (HELENA, *A carta-testamento de Getúlio Vargas*, 1983, p.05, estrofes 02 e 04, respectivamente).

A imagem de um Getúlio, que ao se suicidar dar a cartada decisiva na jogada, é a que se torna popularizada através dos folhetos. Uma morte que os poetas aureolam de honra, tornando o morto extremamente engrandecido. É um Getúlio que, conscientemente, se entrega em sacrifício pela nação de quem temos notícia:

Porque o meu sacrifício
Manterá vocês unidos
Cada gota do meu sangue
Vibrará nos seus ouvidos
Como chama imortal
Pra resistência global
Contra bala dos bandidos... (HELENA, *A carta-testamento de Getúlio Vargas*, 1983, p.06, estrofe 01).

É ao povo, como juiz único, que, o poeta, conclama para o restabelecimento da verdade:

Eu respondo com perdão
Aos ódios dos inimigos
Porque sei que o meu povo
Dará os justos castigos
Aos que pensam que ganharam
Mas apenas escavaram

O lugar de seus jazigos...

Vossa vibração sagrada
Levam parias pro Inferno
Do povo eu fui escravo
Vou livre pro mundo eterno
Não há morte que me mate
Meu sangue será resgate
Como chuvas no inverno...

Ao povo dei minha vida
E hoje morro na Glória
Meu suicídio que seja
A semente da vitória
Eu dou o primeiro passo:
Saio da vida, o faço,
Para entrar na História... (HELENA, *A carta-testamento de Getúlio Vargas*, 1983, p.06, estrofe 02 e 03; p.07, estrofe 01, respectivamente).

O poeta considera que, ao “povo”, caberia dar continuidade à defesa dos ideais pregados por Getúlio. Assim é que, tendo a salvação de Getúlio como certa, também, demonstra acreditar na imortalização do líder político em meio à comunidade, visto que ele permanecerá enquanto exemplo.

A partir dos pontos que destacamos, da concepção de Raimundo de Santa Helena, podemos compreender os folhetos de Apolônio Alves dos Santos, Minelvino Francisco Silva, e José Francisco Soares (SANTOS, *Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu*; SILVA, *A morte do doutor Juscelino e sua chegada no céu*, 1976; SOARES, *O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu*) que se valerão da presença indelével de Getúlio no momento em que se dedicam ao prantear da morte de Juscelino Kubitschek, estabelecendo um encontro entre o líder desenvolvimentista e Getúlio depois de mortos. É, também, nesta perspectiva que se justificam os demais folhetos² em que Getúlio encontra-se com Tancredo Neves e Castelo Branco no céu. Constroem a idéia de um lugar de pós-morte extremamente dinâmico, em que os mortos permanecem com as preocupações que os incomodava enquanto vivos, procurando se informar, com os recém-chegados, sobre o andamento das coisas na política brasileira. Há, no folheto de José F. Soares, muito mais destaque para Getúlio do que para JK, ainda que o folheto se associe ao contexto de morte do segundo. O poeta apresenta toda uma negociação entre

² Como por exemplo: “*O encontro do presidente Tancredo com Getúlio Vargas*”, de Francisco Zênio; “*O encontro do presidente Tancredo com o presidente Getúlio Vargas no céu*”, de Manoel d’Almeida Filho; “*A palestra de Tancredo com Getúlio Vargas no céu sobre a reforma agrária*”, de Minelvino Francisco Silva; “*O encontro de Castelo Branco com Getúlio Vargas no céu*”, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

Getúlio e Jesus em favor de JK, conforme retratado no início do capítulo. Da preocupação de Getúlio em saber se o povo brasileiro ainda lembrava-se dele, teria dito JK:

JK disse se lembram
Falamos muito no seu nome
Quando um fala o outro diz
Aquele é que era o homem
Se ele estivesse vivo
Ninguém não passava fome (SOARES, *O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu*, p.05, estrofe 02).

Getúlio, na narrativa de José F. Soares, aparece muito satisfeito com a condição para ele destinada no céu, sendo-lhe atribuído um gabinete de aspecto superior ao que tinha no palácio do catete.

Getúlio disse eu aqui
Continuo no gabinete
Aqui é uma beleza
Melhor do que no catete

Há, inculcada na expressão “continuo no gabinete”, a idéia de que a morte não o teria lançado a uma condição vil, mas, pelo contrário, lhe possibilitou manter-se longe de trabalhos pesados, tendo sido considerada sua patente e assinalação terrenas. Onde implica dizer que, no céu idealizado por José Soares, a lógica terrena se repete: a situação sócio-econômica e as relações de dependência são balizadoras das relações entre os mortos.

Aos anseios e práticas de centralização da parte de Getúlio, enquanto estava à frente da nação, correspondem as narrativas dos poetas, no sentido de lhe instituir um espaço, no pós-morte, em que ele se sobressai em meio aos demais políticos verzejados. Atitude justificadora dos folhetos promotores de encontros entre os políticos no além, sendo Getúlio o político mais destacado.

Observamos que, ao perfil de um Getúlio defensor dos pobres e (des)possuídos, é a que se liga essa maneira de reverenciá-lo. No entanto, é possível que, tendo sido Getúlio um personagem a quem se atribui atitudes tão peculiares, em comparação com aqueles que tiveram suas vidas associadas à política nacional, esteja, na singularidade com que tratou a coisa pública, a marca diferenciadora.

De acordo com Skidmore (1982), Getúlio ao permanecer na presidência da República de 1930 a 1945, retornando em 1951, dominou, por pelo menos, 25 anos a política brasileira, correspondendo, através de suas atitudes, aos anseios daqueles que

desejavam um governo federal forte, de caráter nacionalista, conforme colocado nas palavras do autor:

Há muitos anos, críticos da velha ordem vinham argumentando que as enormes necessidades sociais do Brasil exigiam um esforço nacional, de parte de um govêrno federal forte. Mesmo antes que a Constituição de 1934 codificasse êsse nôvo papel, o govêrno de Vargas, em sua fase provisória, obteve por decreto de 11 de novembro de 1930, podêres mais amplos do que jamais havia gozado qualquer govêrno anterior. Dois novos ministérios foram criados em novembro de 1930 – o do Trabalho, Indústria e Comércio e o da Educação e Saúde, e a Supervisão da Produção e Exportação do Café foi transferida dos auspícios estaduais para os federais, em troca de um mais alto nível de apoio. Novos Institutos federais do pinho, mate e sal foram montados depois de 1937 (o Instituto do açúcar e do álcool fôra criado em 1933). Êsses cartéis patrocinados pelo govêrno representavam uma tomada de responsabilidades federais em áreas sobre as quais govêrno algum havia anteriormente reclamado podêres (SKIDMORE, 1982, P.55-56).

Além do que: *“Havia outros trunfos, com os quais Vargas jogava, nas suas negociações com os políticos estaduais. Para aquêles que nutriam ambições nacionais, a benção de Vargas era quase indispensável depois de 1935, e uma condição “sine qua non” depois de 1937”* (SKIDMORE, 1982, p.59).

Em associação a esta concentração das decisões nas mãos do governo federal, que ofuscava os velhos poderes locais e a Vargas hipertrofiava no universo das decisões políticas em nível federal, estadual e, mesmo, municipal, um certo culto à personalidade é instituído a partir do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), agência oficial de propaganda do governo. Os atos e feitos do presidente eram divulgados, amplificando o nível de interferência do presidente na sociedade. Estratégia que, cotidianamente, bombardeava a população com informações sobre os atos do governo, causando-lhe a sensação de co-autores no processo de construção da nação.

Dessa sensação, de inserção ativa da população na Era Vargas é possível sentir o eco mimético nos folhetos.

O Céu, subjacente das narrativas sobre a morte ou do pós-morte dos homens públicos, de maior destaque da cena política nacional, é apresentado enquanto um ambiente tranqüilo em que as articulações e acordos se mantêm. Os que lá chegam são

recebidos, com grande simpatia, por seus parceiros de lida semelhante, ou com eles se encontram, casualmente.

O espaço celestial que sobressai dos folhetos e é subsidiário aos políticos, por um lado, copia as tramas terrenas e, por outro, é representado a partir das idéias de além que se ligam à tradição cristã. Resulta disso que, ao mundo espiritual reconhecem o poder supremo de Deus. Todavia uma e outra possibilidade, ainda que aparentemente contraditórias, são congregadas, ocorrendo que, as decisões arbitradas pelo soberano se respaldam na assinalação do réu enquanto vivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**, Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação da leitura do Brasil, 1999.

ALMEIDA, Átila de & ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**, João Pessoa-PB: Editora Universitária; Campina Grande-PB: Centro de Ciências e Tecnologia da UFPB-Campus II, 1978, (1º. e 2º. vols.).

ARIÈS, Phillippe. **O homem diante da morte**, trad.: Maria Luíza Ribeiro, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990 (2 vols.).

BATISTA, Abraão Bezerra. *Debate da ARENA com o MDB em praça pública antes de morrer*, Juazeiro do Norte-Ce: o autor, 07/09/1979.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Nascimento, vida, paixão e morte de “Getúlio Vargas”*, Salvador-Ba: o autor, s/d.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O encontro de Castelo Branco com Getúlio Vargas no céu*, s.n.t.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

FERNANDES, Olegário. *Alcides Teixeira: o deputado das vovozinhas*, s.n.t., s/d.

GOMES, Ângela de Castro. “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado”, in: SCHWARTZ, Lília Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Companhia das letras, 1998 (v.04).

HELENA, Raimundo de Santa, *A carta-testamento de Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro: o autor, 18/04/1983.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada**, Fortaleza-Ce: Edições UFC, 2000.

MENEZES, Otávio. *A pranteada morte do Senador Virgílio Távora*, Fortaleza-Ce: s.n.t., 06 de junho de 1988.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas*, São Paulo: Luzeiro, 1987.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os últimos dias de Getúlio*, Guarabira-Pb: Tipografia Pontes, s/d,

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu*, Guarabira-PB: tip. Pontes, s/d.

SILVA, Minelvino Francisco. *A palestra de Tancredo com Getúlio Vargas no céu sobre a reforma agrária*, s.n.t.

SILVA, Minelvino Francisco. *A morte do doutor Juscelino e sua chegada no céu*, Itabuna-Ba: s.n.t., 21/09/1976.

SKIDMORE, Thomas. *De Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOARES, José. *O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu*. Recife-PE, 28/08/1976.

Zênio, Francisco. *O encontro do presidente Tancredo com o Presidente Getúlio Vargas no Céu*, s.n.t.